

PRESTES, Ana; PAUTASSO, Diego (orgs.). **Teoria das Relações Internacionais: contribuições marxistas**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

Caio Bugiato¹

O livro *Teoria das Relações Internacionais: contribuições marxistas*, organizado por Ana Prestes e Diego Pautasso, é uma publicação de enorme relevância para um esforço intelectual que tem sido feito no Brasil: a promoção de encontros entre o Materialismo Histórico e as Relações Internacionais. Este esforço de pesquisadores e pesquisadoras de várias universidades brasileiras insiste, há alguns anos, em demolir um estranhamento da área de RI em relação à ciência social fundada por Karl Marx e Friedrich Engels e à tradição do pensamento marxista. Insiste, igualmente, em construir pontes diante das tendências paralelas que tomaram estes campos intelectuais, com vistas a um enriquecimento mútuo, centralizado no pensamento crítico.

Os capítulos do livro seguem duas características marcantes da obra marxiana e engelsiana. Primeiro, cada um ao seu modo e com maior ou menor ênfase, não perdem de vista as tendências de transformação estrutural do modo de produção capitalista, ou seja, revoluções socialistas. Segundo, são contribuições plurais a partir de uma obra inacabada e aberta, a qual legou uma série de possibilidades de desenvolvimentos teóricos e analíticos. Neste sentido, esse encontro com as RI tem tanto a via em que o Marxismo contribui para pensar e analisar o internacional quanto a via em que temas típicos do campo (organizações internacionais, integração regional) são abordados pela intelectualidade marxista.

¹ Doutor em Ciência Política pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A obra conta com dois autores pioneiros no país na temática Marxismo e Relações Internacionais. O professor Paulo Fagundes Visentini escreve a orelha do livro, na qual aponta o caráter periférico da teoria marxista diante do *mainstream* das RI. O professor Luís Fernandes escreve o primeiro capítulo, no qual demonstra a contribuição fundamental de Marx e Engels para compreender o sistema internacional moderno. A contribuição é a visão dos fundadores do socialismo científico sobre a combinação de dois processos: a articulação de mercados globais e a globalização da forma política do Estado moderno, que configura o sistema em uma dimensão econômica transnacional e outra dimensão política de múltiplas unidades soberanas. Ainda sobre a matriz teórica dos amigos de letras e lutas, Gianni Fresu no capítulo 2 analisa categorias do Materialismo Histórico em *A ideologia alemã*, em que podemos destacar o entendimento de Marx e Engels sobre a extensão das relações capitalistas ao nível internacional e suas contradições e opressões, criando o chamado mercado mundial.

Novos olhares sobre a teoria marxista do imperialismo vêm dos autores e das autoras Rita Coitinho, Diego Pautasso, Marcelo Pereira Fernandes e Leonardo Ramos, Marina Scotelaro e Rodrigo Corrêa Teixeira. Em comum estes olhares indicam a natureza totalizante desta teoria, que ultrapassa o caráter sistêmico das teorias do *mainstream*, pois comporta a articulação entre os níveis internacional, estatal e nacional. Coitinho resgata a obra seminal de Lenin, *O imperialismo fase superior do capitalismo*, e procura combinar o conceito de imperialismo com o de hegemonia de Antonio Gramsci, aplicando uma reflexão sobre força e fraqueza da hegemonia nas relações internacionais. Pautasso apresenta o pensamento de Domenico Losurdo sobre o imperialismo como um sistema complexo de dominação, com múltiplas dimensões, e central para a luta de classes. Fernandes aborda as teorias contemporâneas do imperialismo e o caráter da formação social chinesa com o objetivo de colocar em xeque afirmações segundo as quais a China contemporânea seria um Estado capitalista e imperialista. Ramos, Scotelaro e Teixeira apresentam elementos centrais do pensamento de David Harvey,

como geografia da acumulação capitalista, acumulação por despossessão e a formulação de um novo imperialismo na atualidade, imbricado com o neoliberalismo. Além de travar um diálogo com teorias críticas das RI, especialmente a Teoria Crítica-Neogramsciana.

Teorias críticas em RI, via de regra, tem o Marxismo como fonte, mas não necessariamente filiam-se à tradição, como a própria Teoria Crítica-Neogramsciana, que é abordada nos capítulos de Ana Prestes e Jaime Cesar Coelho e Miguel Borba de Sá. Prestes traça a trajetória intelectual do conceito de hegemonia desde Lenin, passa pelas inovação e sofisticação de Gramsci e apresenta como é utilizado por Giovanni Arrighi, particularmente, ao tratar de hegemonia mundial e ciclos sistêmicos de acumulação. Coelho e Borba de Sá, por sua vez, trazem a contribuição de Robert Cox em um aspecto menos conhecido de sua obra, a questão das organizações internacionais. Os autores dedicam-se a expor a produção não marxista e marxista (de inspiração gramsciana) de Cox que versa sobre organizações internacionais e reivindicam seu pioneirismo na crítica ao *mainstream*, que vai além e percorre outros temas das Relações Internacionais.

O contexto da América Latina é assunto dos capítulos de Américo Alves de Lyra Junior, Tiago Nogara e Mariana Davi Ferreira e Tatiana Berringer. Lyra Junior revisita o pensamento de José Carlos Mariátegui sobre a questão indígena. Ele argumenta que o marxista peruano ao estudar o modo colonizado e periférico de seu país a partir da teoria do imperialismo, indica que o capitalismo vindo de fora e a formação burguesa no Peru são responsáveis pelas condições dos indígenas. Mariátegui, então, coloca o conceito de raça atrelado ao de luta de classes e faz uma crítica socialista ao Peru – que equivale para outras formações periféricas do Sul Global – segundo a qual um processo revolucionário passa necessariamente pela questão dos povos originários. Nogara debate a Teoria Marxista da Dependência que tem em Ruy Mauro Marini seu principal expoente e as análises contemporâneas sobre a inserção internacional do Estado brasileiro inspiradas nesta TMD. Explorando o conceito de subimperialismo de

Marini, Nogara tece críticas a ele, assim como aos analistas da política externa brasileira nos governos Lula que o utilizaram. Ressalta que o caráter economicista da TMD enxerga as assimetrias das relações econômicas internacionais como determinantes do comportamento dos Estados nacionais e assim estes seriam mero reflexo da divisão internacional do trabalho. Ferreira e Berringer se utilizam da teoria marxista do Estado de Nicos Poulantzas, destacando os conceitos de Estado capitalista, bloco no poder e frações de classe e fração hegemônica. As autoras estabelecem a relação entre bloco no poder e política externa e integração regional com o intuito de elaborar uma proposição de análise das políticas externas dos Estados e de processos de integração regional. O pano de fundo de suas reflexões é a América Latina. É importante ressaltar aqui que teorias e análises marxistas sobre a periferia demonstram o caráter universal da teoria marxista. Isto é, ela não fica restrita ao mundo europeu, mas sim é pertinente para todas as formações sociais.

O capítulo de Elias Jabbour, Alexis Dantas, Carlos Espíndola e Júlio Veloso sobre a China encerra o livro. Os autores resgatam e reelaboram o conceito de economia de projeto de Ignacio Rangel com o objetivo de utilizá-lo nas pesquisas sobre o desenvolvimento econômico chinês e demonstrar sua validade teórica na atualidade. Neste processo intelectual, as categorias desenvolvidas de superação da incerteza keynesiana, destruição criativa, soberania monetária e pacto tácito de adesão permitem afirmar que na China emerge uma nova formação socioeconômica. A Nova Economia do Projeto faz do país uma máquina de construção de bens públicos e de valores de uso, o que seria o estágio superior alcançado pelo “socialismo de mercado”. Em outras palavras, a forma histórica mais avançada do socialismo enquanto experiência real.

Por fim, é digno de nota uma ausência significativa no livro, assim como em outras publicações sobre Marxismo e Relações Internacionais. Permanece em geral o desencontro entre as teorias marxistas das classes sociais e o campo das RI, ainda que um ou outro capítulo

procure promover o encontro. Esta ressalva busca fazer uma reflexão: os fenômenos internacionais, como o imperialismo, a hegemonia, a dependência, as instituições como Estado capitalista ou de transição, entre outros, têm em sua dinâmica real as classes e as lutas de classes. Estes são os agentes ontológicos da teoria marxista, porém subteorizados em RI. São o objeto empírico de estudos, cujas pesquisas são capazes de promover avanços teóricos e na análise concreta das situações concretas que envolvem relações internacionais. Apesar desta carência, que é simultaneamente um desafio, com esse livro o esforço intelectual do Marxismo nas RI tem sido bem-sucedido.